

Brasil e credores começam a pôr cartas

Representantes dos bancos chegam a Brasília e Dornelles viaja esta semana para

O Brasil e os credores terão que, a partir desta semana que começa, mostrar os trunfos disponíveis para a retomada das conversações que levarão à rolagem da dívida externa brasileira a vencer até 1991. Amanhã, o chefe do subcomitê de economia dos bancos credores e vice-presidente do Banco de Montreal, Douglas Smee, começa a discutir com técnicos dos Ministérios da Fazenda e do Planejamento e ainda do Banco Central, as novas projeções do balanço de pagamentos do País para este ano, já divulgadas pelo presidente do BC, Antonio Carlos Lemgruber, na semana passada.

O Chase Manhattan Bank anuncia, para a próxima terça-feira, a chegada ao Rio de Janeiro, do seu presidente Thomas G. Labrecque. Até a sexta-feira, Labrecque — 46 anos e no Chase desde 1964 — manterá contatos com as autoridades econômicas brasileiras e executivas da subsidiária do próprio Chase no País, o Banco Lar Brasileiro, no Rio, Brasília, e São Paulo.

No final da semana, o ministro da Fazenda, Francisco Neves Dornelles, seguirá para Washington, onde terá o seu primeiro encontro oficial com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière.

Os entendimentos com o FMI têm dois pontos básicos: o primeiro, garantir a liberação da primeira parcela do ano de US\$ 400 milhões do financiamento ampliado do Fundo em maio, após a suspensão do desembolso previsto para fevereiro último e, segundo, obter o sinal verde de Larosière, necessário para qualquer avanço na renegociação com os bancos privados.

Em seu discurso da última quarta-feira no comitê interino do FMI/Banco Mundial, Lemgruber anunciou que o governo da "Nova República" tratará a rolagem da

abaixo das expectativas da balança comercial, em que parece pouco fiável a obtenção da meta revista de superávit de US\$ 11,5 bilhões, com a contenção do déficit em conta-corrente deste ano em US\$ 2,5 bilhões.

O presidente do Chase, Thomas Labrecque, e o economista principal dos bancos credores, Douglas Smee, esperam que as novas projeções do balanço de pagamentos estejam corretas e dispensem a exigência de dinheiro novo ao Brasil. Porém, a exemplo do FMI, estão cientes da postura realista do novo governo brasileiro, anunciada pelo presidente do Banco Central em Washington: "Espera mos que nossos parceiros se unirão a nós e re-



conhecerão que é melhor estabelecer metas realistas e viáveis do que metas que talvez sejam ideais, mas divorciadas da realidade".

O presidente do Banco Central e também o diretor da área externa do banco, Sérgio de Freitas, aproveitaram os discursos nos foros internacionais — FMI/Banco Mundial e Banco Interamericano de Desenvolvimento — neste início de governo, para apresentar os balizamentos dos termos da renegociação da dívida: os esforços paralelos para o equilíbrio das contas externas não podem conflitar com o compromisso da "Nova República" de retomar o crescimento econômico e reverter a curva da inflação.

divida externa do País como problema político — "é um tema que diz respeito à política e que, portanto, requer uma decisão política". Por isso, apesar de negar a hipótese de o Brasil recorrer ao pedido de novo jumbo ou introduzir mudanças nas bases da renegociação enca minhada por seu antecessor, Affonso Celso Pastore, Lemgruber já antecipou que, até ao sinal verde de Larosière, as negociações com o FMI serão difíceis.

Caso se confirmem as dificuldades, o Brasil ficará sem mais US\$ 400 milhões do Fundo, o que agrava o quadro das contas externas do País, já afetadas pelo desempenho

na mesa
os Estados Unidos